

CURSO DOS BISPOS 2020

Arquidiocese do Rio de Janeiro e CNBB

27 a 31 de janeiro de 2020

SEGUNDA CONFERÊNCIA ESPIRITUALIDADE, VIDA E MINISTÉRIO DO PRESBITÉRIO DIOCESANO JUNTO AO POVO DE DEUS, AO SEU PRESBITÉRIO E AO LADO DE SEU BISPO

✠ Jorge Carlos Patrón Wong

Arcebispo Secretário para os Seminários

Congregação para o Clero

INTRODUÇÃO

O tema que escolhemos poderia ser desenvolvido a partir de inúmeras dimensões, no entanto, julgamos oportuno apresentá-lo com a seguinte estrutura: num primeiro momento, resgataremos alguns elementos da espiritualidade cristã, comum a todos o Batizados, que está na base da espiritualidade episcopal e sacerdotal na qual fomos crescendo pelo Dom da Vocação recebida. Na sequência, adentraremos no que é específico da espiritualidade sacerdotal que, de antemão, podemos afirmar que não nos é estranha, pelo contrário, constituem passos dados em nossa caminhada até o chamado que Deus nos fez ao Episcopado. E, por fim, abordaremos alguns aspectos da espiritualidade episcopal, em vistas da paternidade espiritual a qual somos chamados junto a todo o povo que nos foi confiado, mas, em especial, em vistas da paternidade a qual somos chamados a exercer junto aos Sacerdotes que o Senhor nos confiou.

1. A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

1.1. Definição

O termo espiritualidade deriva do grego e em suas partes significaria literalmente a expressão “*aquilo que é relativo a qualidade espiritual/ou ao espírito*”.

Quando Deus criou o homem, infundiu seu hálito, respirou sobre ele, e desse modo, transmitiu-lhe seu espírito de vida: "*O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas o sopro da vida e o homem se tornou um ser vivente*" (Gn 2,7). Deus criou o homem a sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,26); a Ele nós pertencemos, somos seus, seu povo e seu rebanho (cf. Sl 78,13). Como disse ainda Santo Agostinho: “[...] *nos fizestes para Ti e nosso coração estará inquieto enquanto não descansar em Ti*” (Confissões I, 1).

Trazemos impressa em nossa natureza humana uma vida espiritual, divina, em outras palavras, a vida do próprio Deus, com seu Espírito que habita em nós: "*A prova de que sois filhos é que Deus enviou aos vossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: ‘Abba, Pai!’*” (Gl 4,6), e ainda, "*se me amais, guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Paráclito, para que fique eternamente convosco [...] Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é que me ama. E aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a ele*" (Jo 17,15-16.21)

Uma nota característica da espiritualidade cristã é a referência a Santíssima Trindade: o cristão é aquele que, por obra do Espírito Santo, se reconhece como filho no Filho, e por isso, não sente vergonha ou receio por chamar Deus de seu “Papai”, como normalmente ensinamos as crianças a chamar o nome de Deus (Papai do Céu), pois foi assim que Jesus nos ensinou. Por seus gestos e palavras o próprio Senhor Jesus nos ensinou e nos deu a conhecer um Deus que é Pai, que cuida de todos, que ama a todos com um amor infinito e que não quer perder a nenhum (cf. Ez 34,16; Mt 18,10-14; Lc 15,3-7), que sempre espera e se empenha para que regressemos para sua casa (cf. Lc 15,11-32).

Não é estranho encontrar certas deturpações de uma espiritualidade "cristã", que apresenta a Deus, consciente ou inconscientemente, apenas como um juiz controlador e imparcial, que recompensa ou pune de acordo com as ações de cada um. De fato sabemos que *o Senhor será Juiz do Universo, mas é também Pai* e seu juízo recairá sobre aqueles que abandonaram voluntariamente os laços de filiação com tão terna e amorosa paternidade, por meio da qual entregou seu próprio Filho pela nossa salvação. Alicerçamos nossa fé na graça divina, na *iniciativa de Deus que escolheu nos salvar quando ainda éramos inimigos pela rebelião a sua vontade*. Ele sustenta nossas fraquezas em nossas inconsistências e não tarda nos auxílios necessários para que possamos corresponder a tais graças. (cf. GE 52-53).

1.2. Conceito de mundanidade e o combate ao qual somos chamados

Mesmo tendo em si o Espírito Santo, no coração do homem também há muita cizânia. Ao mesmo tempo que existe no ser humano uma **tendência a transcender-se para viver uma relação plena com Deus e em Deus, persiste em seu interior aquela sua tendência desordenada de fechar-se em si mesmo** com forte “egocentricidade”, dando prioridade ao amor próprio e a satisfação de seus desejos e vontades. A essa disposição que invade a sensibilidade do homem de hoje, o Santo Padre atribuiu o nome de “**mundanidade**”: “*O mundanismo espiritual, que se esconde por trás das aparências de religiosidade e até do amor pela Igreja, é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal*” (Evangelii Gaudium, 93).

O **mundanismo espiritual**, como observado, não se limita a um conjunto de hábitos ou práticas sociais dissonantes com a moralidade cristã, mas trata-se de uma mentalidade que se compõe na base das disposições humanas e da formação a vida espiritual. Esta se faz sentir também em nossas vidas, adquirindo formas variadas que de certa forma tentam aliviar ou diminuir a radicalidade da vida evangélica: “*obsessão com a aparência, a presunçosa segurança doutrinal ou disciplinar, o narcisismo e autoritarismo, a pretensão de se impor, o cultivo puramente externo e ostentativo da ação litúrgica, o orgulho, o individualismo, a incapacidade de ouvir os outros e todo tipo de carreirismo*” (RFIS, 42; cf. EG, 92-97).

Uma característica da espiritualidade cristã é a **luta diária e constante para superar as diferentes formas de mundanismo que adentram nossos corações, seja em atos, ideias ou em intencionalidades**. Como já foi observado, não é uma luta que se vive apenas com o esforço humano, pois o Pai ajuda seus filhos com sua graça, para que eles não caiam no momento da prova. Nem é uma luta teórica ou fisicamente extenuante que faça da vida cristã um peso insuportável. **É a luta de quem aceita serenamente suas fraquezas porque sabe onde deve apoiá-las para recuperar outra vez a força necessária para viver em paz**, segundo a vida que nos foi proposta por Deus como caminho de felicidade em Cristo.

Para a luta cristã não ser entendida como algo desproporcional e até mesmo fora da realidade, além de acolher a fraqueza humana a partir de uma forte esperança baseada sob uma fé solidamente alicerçada, também é necessário que os ideais de vida sejam propostos de maneira adequada para o chamado vocacional e a história de vida de cada batizado.

Deus não se cansa de trabalhar para ver a imagem do Filho formada em cada um dos batizados. Quando o oleiro pega o barro em suas mãos para fazer um vaso, procura dar-lhe a forma que deseja e quando a argila se parte ele o refaz. Deus deseja que seus filhos sejam maleáveis como o barro bem preparado, para que possam estar em suas mãos, docilmente macios para serem modelados de acordo com sua vontade divina: “*Não posso tratar-vos, ó casa de Israel, como aquele oleiro?* - Oráculo do Senhor.

Sim, como barro na mão do oleiro, assim também vós estais em minhas mãos, ó casa de Israel” (Jr 18,6).

Deus enquanto oleiro dá forma ao vaso, mas vale-se de mediações escolhidas por Ele para poder temperá-lo de maneira justa até se tornar um verdadeiro vaso firme. Nossas famílias, nossas comunidades paroquiais, etc, são a água, a roda e o fogo desse Santíssimo oleiro que trabalha a argila de nossa humanidade. Portanto, **a espiritualidade cristã tem um forte valor e referência comunitária**, pois não há vaso que não seja **“*theóforo*”** e **não contenha toda a vida de Deus pelo mundo e por todos aqueles que buscam por vida**, e vida em abundância. *“É muito difícil lutar contra a luxúria e contra as armadilhas e tentações do diabo e do mundo egoísta se estivermos isolados [...] A santificação é um caminho comunitário, dois a dois”* (GE, 140-141). O Santo Padre também faz essa referência aos jovens dizendo: *“Seu desenvolvimento espiritual se expressa acima de tudo pelo crescimento do amor fraterno, generoso e misericordioso. São Paulo disse: “Que o Senhor vos faça progredir e transbordar no amor uns pelos outros e no amor por todos” (1 Ts 3,12). [...] O Espírito Santo quer nos encorajar a sair de nós mesmos, para abraçar os outros com amor e na busca pelo seu bem [...]. Tem um provérbio africano que diz: «Se você quer andar rápido, ande sozinho. Se você quer ir longe, caminhe com os outros»”* (cf. *Christus Vivit*, 163-167).

1.3. Um ser em relação

Sabemos que o ser humano entende sua existência como *ser em relação com um outro*, pois foi criado para se relacionar. **Quando entra em relacionamento com os outros, o homem se desenvolve como pessoa.** *“A formação é feita através de **relações e mediações interpessoais**, momentos de partilha e diálogo, que contribuem para o desenvolvimento do “*húmus humano*”, sobre o qual amadurece uma vocação”* (RFIS, 51). Portanto, **uma espiritualidade autêntica é por excelência relacional**. Uma espiritualidade que feche a pessoa em um individualismo intimista que vise evitar a companhia dos outros para não estar em risco de pecar não é a autêntica espiritualidade cristã. O Espírito Santo nos orienta na direção do relacionamento com Deus e com os outros, na direção da comunhão segundo esse mesmo Espírito. **O cristão é aquele que está sempre em relacionamento com Deus e com seus irmãos, por isso o padre por excelência deve ser um homem de comunhão.**

A vida espiritual, torna-se palpável de acordo com os princípios espirituais ou valores da fé, que são assumidos. Em resumo, **a espiritualidade cristã não consiste em um conjunto de atos religiosos, e muito menos no frio cumprimento de um código de leis.**

A espiritualidade como tal, **implica certa consistência e estabilidade**, especialmente em nossos dias onde os valores sociais são sempre mais **fluidificados e descristianizados** do que em outros tempos. **Quando os valores cristãos são construídos sobre uma identidade frágil e uma personalidade instável, no**

momento de crise ou dificuldade, eles se perdem, como em uma casa construída na areia (cf. Mt 7,27).

2. A ESPIRITUALIDADE DO PRESBÍTERO DIOCESANO

Ao início desse tema será importante deixar claro que, **os sacerdotes, assim como todos os batizados, estão chamados à santidade** e por isso, *é necessário que em sua vida se estabeleça uma disciplina ascética e mística* para que *consiga enveredar com estabilidade nessa grande missão pela santidade pessoal e a santificação do povo de Deus*. Seu ministério exige uma peculiar união pessoal com o Senhor, particularmente através da oração contemplativa e silenciosa, que é a fonte de uma configuração renovada com Cristo Servo e Pastor. A esse respeito, o Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros, 87 e a RFIS, 82 estabelecem bem a relação entre santificação e amor pelo povo de Deus. Com nosso Ministério recebemos a responsabilidade de zelar, com a graça da paternidade divina, pela vida e vocação destes homens que assumiram para si a vida de Cristo. Não poucas vezes eles terão a necessidade de nossa presença e acolhimento paterno na escuta e solidária proximidade para reafirmarem sua união a Cristo Crucificado e prosseguirem na generosa oferta de suas vidas no Altar do Senhor.

2.1. As atitudes de uma autêntica espiritualidade sacerdotal

Os conceitos de espiritualidade e de identidade assinalados na primeira parte dessa exposição apontam para a **atitude** como chave interpretativa da espiritualidade do presbítero diocesano. Por **atitude** se entende a predisposição a responder de maneira livre e consciente, de acordo com um valor ou conjunto de valores. Não se configura uma atitude com um simples ato espontâneo e isolado. A atitude supõe um *modo habitual de agir*, ligado as disposições afetivas e intelectivas que o mantém e revigora, por isso, *elas são também as expressões variadas das convicções do indivíduo e de suas motivações*. E nestas se fazem ver a profundidade de sua fé e a sua maturidade humana.

Quando no Novo Testamento se recomenda o discernimento na vocação dos pastores da Igreja, são assinaladas diversas atitudes objetivas como critérios:

- **Tt 1,5-9:** Apresenta atitudes humanas básicas: constante, fiel, forte na fé, disciplinado, prudente, hospitaleiro, amigo, equilibrado, etc. Ao mesmo tempo que fala de atitudes que excluem do ministério: caso seja arrogante, colérico, descontrolado com a bebida, com o dinheiro e outras coisas. Também não deixa de observar outras atitudes referentes ao exercício do ministério como a clara adesão a sã doutrina, a capacidade de educar na fé e de combater os ensinamentos errados.

- **Mt 20,20-28:** São colocados os critérios para quem quer seguir o Senhor: quem quer ser o maior, seja o servo de seus irmãos, quem quer ser o primeiro, seja o último. Também o Filho do Homem veio servir e não ser servido, veio dar a sua vida pelo resgate de muitos.

- **1Pd 5,15:** Faz perceber as atitudes que colocam luz sobre o discernimento de quem se prepara: não por obrigação, mas de boa vontade, com entusiasmo, não tiranizando aos que lhe foram confiados, mas colocando-se como modelo para o inteiro rebanho.

Ao falarmos de atitudes é preciso identificar a função que elas estão desempenhando na dinâmica interior da pessoa, porque as vezes, uma atitude que aparentemente pode ser boa para pessoa e para os demais, no fundo, está servindo consciente ou inconscientemente para alcançar um fim egoístico e não é a expressão de um valor em si. Um exemplo disso pode ser o **trabalho sem descanso** e sem trégua. Por um instante pode significar uma entrega vigorosa e abnegada através do serviço ao próximo, mas talvez seja um ativismo que o protege do medo de ter que enfrentar a si mesmo no silêncio para poder encontrar Deus. Afinal existe uma solidão necessária oriunda daquele estar consigo mesmo em silêncio antes do recontar-se para Deus com a máxima sinceridade do próprio coração.

Um outro exemplo é a **busca rigorista e crítica** pela realização de celebrações litúrgicas impecáveis, que no fundo podem esconder a necessidade de exibicionismo ou perfeccionismo ainda não equilibradas. Nesse caso o centro da celebração, concretamente deixou de ser Cristo e passou a ser a pessoa do próprio sacerdote. Ele pode valer-se ainda de muitos subterfúgios de retórica espiritual para retirar para si alguma satisfação interior por debaixo da ação de Graças que presta a Deus.

Um exemplo que ilustra a presença de um valor religioso sob o disfarce de uma atitude aparentemente negativa pode ser retirado do Evangelho, quando **Jesus expulsa os vendedores do templo**. À primeira vista, aparenta ser uma atitude negativa de violenta agressividade, mas, no final, trata-se da efusão física do zelo pela casa de seu Pai e pela defesa dos pobres que são explorados pelas injustiças cometidas no templo, porque a religião se transformou em mercadoria. Não foi um ato de violência contra as pessoas pois não infligiu danos físicos ou materiais a ninguém, mas agiu com força e austeridade na defesa da verdade. Tantos mártires também viveram momentos assim, como por exemplo, Santo Oscar Romero, que por muitos foi visto como um perigoso revolucionário por defender com veemência e intensidade a justiça e o direito à vida dos mais necessitados.

Por isso, a sabedoria das Escrituras e dos Padres do Deserto sempre apontaram para um duplo trabalho interior: ser conveniente não apenas **a clara consciência sobre o bem e o mal presente no ato consumado**, mas também sobre **o que foi buscado com o bem que foi desejado e realizado**: a glória de Deus foi realmente procurada? Escolheu-se a vida como o Senhor oferece? Ou então, a busca pela glória e as seguranças humanas prevaleceram?

O povo de Deus quase sempre reconhece que um padre é um homem "espiritual" quando ***suas atitudes e reações práticas correspondem a uma hierarquia de valores que brota gradualmente de sua experiência espiritual e vocacional com Cristo***. Por exemplo, não se reforça nem cresce a vida interior de um sacerdote quando a preocupação com o dinheiro, ou com o bem-estar material, ou o prestígio, ou a aparência, ou com os reconhecimentos e o poder são centrais em sua vida. E as pessoas logo falam que “esse padre não tem muita espiritualidade”. Entretanto, se o padre dedica seu tempo para ouvir o sofrimento do seu povo, para aconselhar com palavras equilibradas e sábias seus paroquianos, para visitar e cuidar dos mais necessitados, logo será visto como uma pessoa mais espiritual.

No caso de um sacerdote, **com maior intensidade e significado, podemos dizer que a vida espiritual é parte de sua própria identidade**; na solidez de seus valores humanos e cristãos, na forma como faz suas escolhas sociais.

Por outro lado, também pode acontecer momentos de perda da clareza quanto a própria identidade, e isso se faz perceptível quando o padre aplica dois pesos e duas medidas diferentes na hora de tratar as pessoas, ou ainda quando demonstra contradições evidentes no seu modo de vida, ou na forma como trata as pessoas em geral.

“No âmbito do caminho da formação sacerdotal, jamais se pode insistir demais sobre a importância da formação humana. De fato, é nesta que se enxerta a santidade do presbítero, a qual depende, em grande parte, da genuinidade e da maturidade da sua humanidade. A falta de uma personalidade bem estruturada e equilibrada representa um impedimento sério e objetivo para a continuação da formação ao sacerdócio” (RFIS, 63).

2.2. Os valores do pastor

Ao traçarmos a espiritualidade do padre, a referência de base é feita a partir dos valores que caracterizam a vocação e a missão do pastor. Esses valores surgem da contemplação do mistério de Cristo, o Bom Pastor do rebanho, e são bem apresentados nos documentos que descrevem o ministério e a vida dos sacerdotes, especialmente na *Presbyterorum ordinis* e *Pastores dabo vobis*, e de maneira mais normativa, no *Diretório para o ministério e a vida dos sacerdotes*.

Na *Ratio Fundamentalis*, um dos documentos mais recentes, são delineadas as características da espiritualidade presbiteral que cada padre vai assumindo gradualmente ao longo de sua vida ministerial.

Como vimos nos textos bíblicos mencionados no tópico precedente, são três os tipos de valores presentes na espiritualidade do sacerdote diocesano:

a. **Valores humanos fundamentais** que a própria missão pastoral destaca e releva através de atitudes que qualquer pessoa pode perceber, como é o caso da

hospitalidade, do autocontrole e do amor pela verdade, honestidade, cordialidade, transparência com os bens temporais, etc.

b. **Valores ligados à identidade discipular**, típicos de todo cristão, porém, que são particularmente exigidos do padre em seu exercício ministerial. Por exemplo, fé firme, perdão das ofensas, oração confiante, misericórdia e serviço humilde, zelo pela reparação dos pecados.

c. **Valores específicos** que qualificam o presbítero a exercer o ministério sacerdotal, por exemplo, firme adesão à Palavra de Deus, comunhão com o ensinamento apostólico, boa administração de bens espirituais, discernimento pastoral, estudo específico para vida espiritual.

Esses três tipos de valores geralmente não são observados separadamente, e aparecem como **valores mistos**; por exemplo, o valor humano da empatia, se a pessoa não é capaz de se colocar no lugar da outra, como essa pessoa poderia viver a compaixão do coração de um pastor? *Para ser capaz de viver a misericórdia típica do pastor de almas será preciso aprender a proximidade humana ao sofrimento do outro e a passar a própria miséria e sofrimento através da Cruz de Cristo.* Outro exemplo poderia ser o valor da oração, indispensável para todo discípulo. Se esse discípulo é sacerdote e não há internalizado suficientemente o valor do encontro pessoal com o Senhor na oração, como ele viverá o valor da oração sacerdotal, por meio da qual ele é intercessor diante de Deus pelas necessidades de seu povo infiel?

2.3. A caridade pastoral: amor recebido e amor que se doa

A alma de todos esses valores, ou seja, a profunda razão pela qual o padre os coloca em prática, é a caridade pastoral. Se trata do amor misericordioso que vem de Deus e permite que o sacerdote ame "pastoralmente" o povo de Deus.

a. *Amor recebido*

• **Na união com Deus:** Deus é a fonte da caridade pastoral, pois Ele é a própria caridade. Portanto, a *primeira atitude do padre deve ser a abertura e a docilidade para receber essa caridade*, ou seja, *para deixar-se amar por Ele*, recebendo sua graça e sua misericórdia, ouvindo sua voz, através da oração e da assídua meditação de sua Palavra. Quanto menor for a familiaridade com Deus e sua Palavra, mais o exercício de seu ministério carecerá dessa "alma" pastoral. Recordemos, por exemplo, que após proclamar o Evangelho o padre beija o livro como um sinal de que, antes de pregar, ele assimilou a Palavra do Senhor.

• **Na recepção dos Sacramentos:** Particularmente, a reconciliação, a Eucaristia e a adoração Eucarística são os marcos sacramentais mais quotidianos da espiritualidade sacerdotal. O padre recebe o Corpo do Senhor diante do povo de Deus reunido e com isso evidencia que ele próprio precisa desse alimento espiritual. Da mesma forma, antes de conduzir os seus irmãos a reconciliação com o Senhor, ele deve buscar viver como homem reconciliado. Quando o padre perdoa os pecados dos penitentes e distribui o

Pão da Vida, ele não apenas exerce uma função, mas expressa sua própria experiência de vida ao ponto de poder afirmar: “é neste mesmo corpo que eu me entrego por vós”.

- **Na pertença ao povo de Deus:** O presbítero não é um déspota que governa, nem um funcionário especializado, muito menos um burocrata. Ele é um membro do povo de Deus, que experimenta e transmite vividamente a alegria de pertencer a esse povo e a alegria de ser um com eles, conduzindo-os com amor até a Cidade Eterna dos Céus, colocando-se a serviço dos pequenos. Este é o sentido da entrega de Jesus, que confiou tudo de si ao Pai e posteriormente confiou a São Pedro as ovelhas de sua messe (Jo 21,15: "*alimenta meus cordeiros*").

- **Na comunhão com o Bispo:** O ministério presbiteral se realiza a partir da comunhão e colaboração com a ordem episcopal. Esse elo não pode ser entendido apenas como uma estratégia de governo, mas deve ser considerado como fonte e referência para a caridade pastoral. A comunhão com o bispo também inclui a comunhão e a colaboração com os organismos que o ajudam na liderança da diocese, como a cúria diocesana, o plano pastoral diocesano, todo o presbitério e com os fiéis em geral.

b. Amor doado

A caridade pastoral, que é antes de tudo o amor recebido de Deus, também é transformada em um amor de entrega, ou seja, amor com o qual o padre ama em primeira pessoa, e está fundamentalmente em correspondência com o dom recebido. Essa correspondência é expressa de vários modos:

- O **amor na Trindade**, expresso em múltiplos gestos de correspondência amorosa com o amor da predileção recebido de Deus. Ele é o primeiro destinatário da caridade pastoral do padre. O presbítero, que está em constante contato com o mistério de Deus, retorna a esse mistério em uma atitude agradecida, ora ativa, ora contemplativa em seu agir pastoral. Nesse sentido, a contemplação do mistério é essencial para a espiritualidade sacerdotal.

- O **amor ao Bispo** na *Presbyterorum ordinis*, 7, é chamado de "*comunhão hierárquica*". É importante que o Bispo seja visto pelos padres através do olhar de autêntica caridade pastoral, e juntamente com o Bispo, todas as demais organizações diocesanas.

- O **amor fraterno entre padres** vem chamado de "*íntima fraternidade sacramental*" pela *Presbyterorum ordinis*, 8, porque consiste no amor livre de quem ama seus irmãos, baseando-se na alegria do sacramento recebido e na corresponsabilidade da missão. Como seria possível e digno de credibilidade os gestos de amor daquele que não ama seus irmãos de presbitério mas diz amar muito ao povo de Deus?

- O **amor por cada um dos fiéis**, especialmente pelos que foram confiados aos seus cuidados pastorais. A *Presbyterorum ordinis*, 9, o chama de "comunhão apostólica". No número 6 o documento insiste que os sacerdotes preparem de maneira muito particular alguns fiéis leigos para colaborarem com a vida cristã da comunidade para que os sacerdotes estejam mais disponíveis as prioridades no ministério presbiteral: cuidado dos mais necessitados segundo a diversidade de prioridades presentes em cada contexto diocesano.

- O **amor por todas as pessoas**, especialmente pelos mais vulneráveis. O Santo Padre constantemente recorda que a Igreja deve estar em saída, o que requer, antes de tudo, a atitude do sacerdote de "sair ao encontro do próximo". Essa atitude é uma expressão do sentido missionário e, ao mesmo tempo, é uma resposta à situação de tantas pessoas que abandonaram a fé ou mesmo ainda não a conheceram.

2.4. A entrega da própria vida pela santificação de uma porção do Povo de Deus

"Este é o meu Corpo que será entregue por vós". Estamos tão intimamente unidos a Cristo que, juntamente com o dom eucarístico de seu Santíssimo Corpo e Sangue, é o nosso próprio corpo que se doa na ação da caridade pastoral. Cada sacerdote ao repetir essas palavras pode recordar a beleza da sua entrega total de vida no celibato: oferecer-se totalmente pela santificação dos homens. ***O sacerdote foi constituído como tal para, com Cristo, entregar-se pelo resgate de muitos***, seguindo o exemplo do seu Mestre e Senhor que o fez até o derramamento do próprio Sangue na Cruz.

Ninguém se ordena sacerdote para si mesmo, mas para se doar e se desgastar pelo próximo. O padre que se fecha para buscar satisfação para si próprio, se tornará uma pessoa amarga no serviço ministerial, porque a ***sua plena felicidade no sacerdócio está no fazer-se dom pelos demais***. *"A alegria do sacerdote está no íntimo relacionamento com o santo povo fiel de Deus. A unção que ele recebeu é para ungir todo o povo de Deus: batizar e confirmar, curar e consagrar, abençoar, confortar e evangelizar"* (Papa Francisco, Homilia Missa do Crisma, 17 de abril de 2014).

Neste processo de entrega de si pela vida do povo que lhe foi confiado, o sacerdote é chamado ao crescimento contínuo em sua vida espiritual. Dentre tantos elementos, destacamos:

a. Oração incessante e intercessão

Uma oração pessoal assídua, particularmente focada na meditação da Palavra de Deus, que apoiará a caridade pastoral e será transformada em alimento para a fé de toda a comunidade cristã, especialmente através da homilia.

Uma nota peculiar da oração do presbítero é ***a intercessão pela parte do povo de Deus que foi confiada a seus cuidados***, seguindo o exemplo de Jesus, dos profetas e dos santos. *"Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que estão fazendo"* (Lc 23,34).

Mesmo diante do abandono e de toda humilhação e violência o Senhor continua a interceder perante o Pai por aqueles que se colocam como seus inimigos. O diácono Santo Estevão também nos deixou a lição de intercessão pelo próximo, em especial, por aqueles que nos odeiam, quando orou por aqueles que o apedrejavam: "*Não leve em consideração o pecado deles*" (At 7,60). Em Moisés, vemos outro exemplo de intercessão, quando Deus quer punir seu povo por sua obstinação ao pecado, dureza de coração e por desprezarem seu servo Moisés, e, apesar disso, Moisés se coloca entre Deus e seu povo para interceder em favor deles pedindo que esse pecado não lhes seja levado em consideração (cf. Ex 32,11-14). É importante que nos perguntemos *se estamos formando sacerdotes com um coração sensível a intercessão pelo povo de Deus em todas as circunstâncias e condições.*

b. Amor a Santíssima Trindade

Esse se expressa, particularmente, na devoção eucarística, núcleo vital da comunidade cristã e pilar espiritual do sacerdote. ***O presbítero é um homem consciente de estar sempre na presença de Deus, quando ora, quando está servindo seus irmãos, quando está descansando,*** etc. Ele reconhece ser servo de Deus e propriedade Sua, por quem renova suas decisões todos os dias. Amando ao Senhor com todo o seu coração, com toda a sua alma e com toda a sua força (cf. Dt 5,5), ***o padre é aquele que entendeu que os frutos de seu ministério não dependem de suas forças, mas da ação de Deus, por isso que ele se abandona em Suas mãos,*** deixando-se moldar por Ele. Deixar-se modelar é um trabalho que se realiza continuamente, com docilidade constante, para poder cooperar na transformação das pessoas que lhe foram confiadas.

c. Sólida vida sacramental

É o sacerdote quem organiza a comunidade dos fiéis para a celebração dos Sacramentos, pela qual o Espírito Santo renova a vida de toda comunidade cristã. A vida sacramental sacerdotal manifesta-se de maneira peculiar na cuidadosa celebração dos sacramentos e na adoração eucarística, que mostra *onde está o tesouro de seu coração.* A santidade de um sacerdote leva também seu povo a buscar o mesmo.

O sacramento da confissão molda o coração do sacerdote, que ora será confessor e ora penitente. Por excelência **ele é a primeira testemunha da misericórdia de Deus na vida de seus irmãos.** Para ser um bom confessor, é necessário ser um bom penitente. O Santo Padre nos convida ao arrependimento por nossos pecados e a receber a misericórdia do Pai que restaura a dignidade perdida, para depois compartilhar com todo nosso povo o que recebemos de Deus. "*É Deus quem sai em busca de nós - pecadores - nos atrai, purifica e envia renovados, a todas as periferias [...] Em nossa oração serena, que vai da vergonha à dignidade, e da dignidade a envergonha - os dois juntos - pedimos a graça de sentir essa misericórdia como constitutiva da nossa vida eterna; a graça de sentir como essa batida do coração do Pai é combinada com a batida do nosso [...] O Senhor não apenas nos purifica, mas nos coroa, nos dá dignidade [...] O que sentimos quando as pessoas beijam nossas mãos e nós olhamos para nossa miséria mais íntima? Somente a misericórdia torna*

aquele lugar suportável” (Papa Francisco, Retiro aos sacerdotes, I meditação, 2 de junho de 2016).

Além da confissão, ***o padre tem a necessidade da direção espiritual***. “*Procure uma pessoa sábia para confrontá-la, e poder assim dialogar com os próprios limites, com suas fraquezas, tentar corrigir sua trajetória. [...] Não basta confessar os pecados: isso é importante, porque lá - e eu sempre senti, é uma das coisas mais bonitas do Senhor - está a humildade de um pecador e a misericórdia de Deus, que se encontram e se abraçam. É belo o perdão dos pecados oferecido pela Igreja. Mas como sacerdote somos responsáveis por uma comunidade, e por isso, também precisamos seguir em frente com a ajuda de alguém que nos guie e nos ajude*” (Papa Francisco, encontro com os párocos de Roma, 15 de fevereiro de 2018).

d. A fraternidade presbiteral

Parte irrenunciável da espiritualidade presbiteral é o vínculo com todos os sacerdotes e diáconos, por quem se deve reservar um lugar em sua afetividade e no uso de seu tempo, pois ***a relação com os confrades é fundamental para a realização da missão presbiteral*** e estabelece uma referência importante para a revisão da própria vida sacerdotal e para a correção fraterna.

O Santo Padre, de modo claro e direto, falou aos seminaristas e sacerdotes que do mesmo modo como a *diocesaneidade* significa ter um pai, também significa ter irmãos e estar inserido dentro de um corpo presbiteral. “*Como você se move dentro de seu presbitério, sabe como se mover bem, sua afiliação é leal, aberta e franca? Você se permite dizer tudo o que vem à mente? Ou você aprendeu a censurar para não mostrar uma imagem ruim de si mesmo para os outros? Você aprendeu a simular, a olhar para o outro lado ou a ser sincero? Vocês são irmãos de seus irmãos presbíteros e isso sempre deve crescer. Não estou dizendo que vocês devem ser amigos íntimos, mas irmãos entre si. Quando falo com alguém que não gosto, julgo-o imediatamente ou tento ouvi-lo bem e entender o que ele quer dizer? Examinem os relacionamentos no presbitério; o presbitério é o nosso carisma. Por exemplo, quando termina uma reunião com o presbitério, saio para criticar e murmurar? O murmúrio é a lepra de nossos presbitérios*” (cf. Papa Francisco, *Discurso aos sacerdotes e seminaristas em Roma*, 18 de março de 2018).

Dois anos atrás, em outro encontro com seminaristas e sacerdotes, o Santo Padre afirmou: “*A amizade sacerdotal é um tesouro que deve ser cultivado entre vocês. Nem todo mundo pode ser amigo íntimo. Quando os padres, como dois irmãos, três irmãos, quatro irmãos se encontram, falam sobre seus problemas, alegrias, expectativas e tantas outras coisas... isso é importante. Ser amigos. Penso que isso ajude muito a viver a vida sacerdotal, a vida espiritual, a vida apostólica, a vida comunitária e também a vida intelectual: a amizade sacerdotal. A amizade sacerdotal é uma força de perseverança, alegria apostólica, coragem e também de senso de humor*” (Papa Francisco, *Discurso aos seminaristas e sacerdotes dos Colégios Pontifícios em Roma*, 12 de maio de 2014).

e. A paternidade espiritual

Se revela na solicitude apostólica, no amor, na entrega por cada um dos fiéis e por aqueles que se confiam as nossas orações. **Uma característica marcante que se repete na história de todos os santos sacerdotes diocesanos é o amor às pessoas concretas**, quer sejam aquelas por quem servem ou aquelas que se dispõem a colaborar com sua missão. **Um amor pessoal e concreto, que não é genérico nem tão pouco amorfo, mas que não se limita por exclusividades.** Essa é a expressão do amor celibatário sacerdotal, que acolhe a todos e a todos serve com a justa caridade pastoral.

Os sacerdotes não são solteirões. *A paternidade espiritual é um modo humano e ao mesmo tempo divino (por meio da Graça) para realizar-se plenamente como homem e sacerdote, transmitindo aos fiéis a vitalidade do amor paterno de Deus por meio da entrega constante, amorosa e paciente pela salvação dos homens.* “O padre diocesano tem seus filhos espirituais. Como é o seu relacionamento com os fiéis da sua paróquia? Você é um daqueles que todo o tempo olha para o relógio querendo ir embora? Você é daqueles que não deixam as pessoas falarem? Você está distante ou próximo das pessoas? O segredo de um pai espiritual, de um bom pai, é saber aproximar-se na hora certa e afastar-se na hora certa” (cf. Papa Francisco, *Discurso aos sacerdotes e seminaristas em Roma*, 18 de março de 2018).

A paternidade leva ao acolhimento de todos, especialmente dos que se afastaram e que perderam o vigor da fé. O sacerdote está chamado a cultivar os atos de fé dentro de sua Igreja Particular. Deve ainda evitar estabelecer distâncias emocionais, psicológicas ou ideológicas com as diferentes pessoas e grupos que formam a diocese.

O sacerdote se dedica por todos, por isso é importante que tenha cuidado para que não se identifique exclusivamente com algum grupo, ou com uma espiritualidade específica. **É importante cultivar a capacidade de se relacionar com todas e cada uma das pessoas, grupos e instituições presentes na diocese, sem restrições de caráter carismático.**

3. A ESPIRITUALIDADE EPISCOPAL NO MINISTÉRIO PASTORAL

COMO PAI E PASTOR PELOS SEUS SACERDOTES

Na *Christus Dominus*, 11 a Diocese é definida como “*uma porção do Povo de Deus que é confiada ao Bispo para que ele apascente com a cooperação do presbitério, para que, unida a seu pastor e reunida por ele no Espírito Santo, pelo Evangelho e na Eucaristia constitua uma Igreja particular, onde se revela a obra da Igreja de Cristo que é santa, católica e apostólica*”. Todos, sem exceção, bispo, padres, pessoas consagradas e leigas, são chamados a cuidar dessa porção específica do povo de Deus. Existem vários e diferentes níveis de vínculo na hora do exercício desse cuidado, e alguns se expressam também juridicamente, por exemplo: na incardinação dos diáconos e presbíteros, no contrato de uma comunidade religiosa com a diocese, nos estatutos de um Instituto secular de direito diocesano. **Cada um dos crentes tem o**

dever de construir e edificar a comunidade diocesana através do exemplo de vida no caminho da conversão evangélica, dedicando-se profunda e verdadeiramente ao serviço do povo, dentro daquilo que é reservado a sua competência dentro do Corpo Místico de Cristo.

Neste último tópico de nossa exposição, trazemos ao centro de nossa reflexão a missão do Bispo junto ao seu Presbitério. Dentre tantas responsabilidades que recaem sobre o Pastor, uma de fundamental importância é aquela de **cuidar da vida de nossos sacerdotes, exercendo junto a eles a paternidade espiritual, dom de Deus em favor da salvação de todo o povo cuidado por estes que são os principais colaboradores em nosso Ministério**. Tal responsabilidade só pode ser levada a cumprimento, quando, pela Graça de Deus, somos capazes de viver conforme a dignidade da vocação que recebemos. Vejamos na sequência dois aspectos da espiritualidade episcopal apresentada pelo Diretório para o Ministério Pastoral dos Bispos, *Apostolorum successores* (n.104-118), que merecem atenção para que as virtudes típicas do Bispo, como a prudência pastoral, a esperança em Deus, a fortaleza e a humildade sejam vigorosas para acolher e sustentar no amor todos os filhos que foram gerados para o Ministério sacerdotal.

3.1. Uma espiritualidade tipicamente eclesial

O Bispo, por meio do seu amor e vínculo esponsal com a Igreja, por meio da íntima oração a Cristo convida através do testemunho de vida e da exortação paterna a todos os batizados a não se afastarem da comunhão. Esta é uma dura tarefa, porque, a exemplo de Cristo, é preciso chamar e buscar para a comunhão todos aqueles que não queiram estar em comunhão. Mas, **o maior desafio está em não deixar o próprio coração se convencer de abandonar aqueles que não queiram estar em comunhão**. Cultivar o justo discernimento no falar e saber temperar as paixões que se acendem quando seus colaboradores decidem agir por contra própria ou sem mais desejarem a comunhão, será uma tarefa constante na vida dos Bispos, assim como o exercício de quebrantamento do próprio ego para não terminar se impondo sobre o outro pela força da própria vontade deixando de lado a docilidade necessária ao coração de quem quer, como Cristo, conquistar para a comunhão ao invés de separar para não atrapalhar. Realmente pode acontecer casos extremos onde será necessária uma medida de maior intensidade para evitar abusos e excessos, porém, como em toda casa cristã bem edificada, **o diálogo sincero e a oração são os dois dons mais estimados para aqueles que querem fazer as pazes como manda o evangelho**.

3.2. Uma espiritualidade mariana

“A materna intercessão de Maria acompanha a oração confiante do Bispo para mais profundamente penetrar nas verdades da fé e guardá-la tão íntegra e pura como esteve no Imaculado Coração de Nossa Senhora” (n. 108).

De fato, assim como esteve todo o tempo ao lado de seu Filho, **a Virgem Santíssima estará ao lado dos Bispos cuidando e recebendo as intenções de seu**

coração e suscitando tantas outras para o maior amor e glória do Nome de Jesus. É necessário cultivar esta certeza de que *não há preocupação e cuidado pastoral que, por primeiro, não esteja no Coração de Maria, e, que desse Puríssimo Coração virão distribuídas tantas graças quanto serão necessárias para a beleza da Igreja,* Esposa de Cristo, ornada pelos mais preciosos brocados de ouro da comunhão com Deus e da vida de santidade. Além de ser um bálsamo real para o conforto e a consolação do coração de pastor dos Bispos, *a viva devoção e amor a Virgem Maria reforça e solidifica todos os demais pilares da vida espiritual e pastoral dos Bispos e da inteira Igreja Particular.* Não se conhece a história de uma Igreja particular que não tenha crescido na fé e no amor a Virgem Santíssima e a seu Filho depois de ver o coração verdadeiramente mariano de seu Pastor, especialmente na hora de tratar as feridas e dores de seu clero e de seu povo.

De todas as preocupações pastorais de um Bispo, duas ordinariamente são mais intensas: aquelas ligadas ao *Seminário e seus problemas* e aquelas ligadas a *um sacerdote que não está caminhando bem em seu ministério e vida sacerdotal.* Como é dramático saber que os problemas nessas áreas muitas vezes permanecem “quase” invisíveis e quando se manifestam os primeiros sinais nem sempre há muito tempo e remédio a serem aplicados. Certamente *é necessário que haja colaboradores hábeis para ajudarem no cuidado com o Seminário e no acompanhamento pessoal dos sacerdotes em nossos presbitérios, com olhos e corações sensíveis as dores do próximo,* mas essas necessidades não cobrem aquela necessidade fundamental e irrenunciável da proximidade do pastor. Contudo, nem sempre a proximidade do pastor será suficiente para reverter os problemas, mas por quê?

São sempre *dois movimentos* a serem considerados quando há uma ruptura no diálogo pela comunhão, especialmente com um irmão sacerdote: *o primeiro* é de guardar o próprio coração para não aceitar a separação e a desistência da busca pela comunhão como sendo algo justo a ser feito, e *o segundo* é aquele de tentar ajudar a parte que abandonou o compromisso de comunhão a voltar atrás por uma via de conversão e buscar retomar a escolha pessoal pela comunhão perdida. *O primeiro movimento nos assegura a paz interior pela fidelidade ao evangelho e ao amor a Deus e ao próximo,* enquanto *o segundo movimento nos leva a possibilidade de recuperar ou não a plena comunhão no corpo de Cristo, onde todos são um só em seu amor.*

Para que se retome a perfeita comunhão é necessário que o segundo movimento aconteça com êxito de conversão, e de certa forma, *o êxito desse segundo movimento passa maioritariamente pelo agir do outro.* Desse modo, seja para alcançarmos consolação em nossas dores, esperança na Palavra de Cristo, virtudes no exercício do amor, que são condições necessárias para o primeiro movimento, é muito importante a devoção a Virgem Santíssima, especialmente pela oração do Rosário onde poderemos entregar as aflições que vivemos nessa grande luta interior **para não desistir de amar a um filho e para aprender a amá-lo para além da dor que ele nos cause.** E se para cuidarmos daquilo que muito temos em nossas mãos (nossos afetos e sentimentos) é

fundamental a proximidade com a Virgem Maria, quanto mais não será na hora de ter que lidar com o outro e com sua sensibilidade já distanciada dos desejos do Senhor e ferida por suas próprias escolhas.

Nesses casos nossa impotência diante da matéria a ser tratada é maior (o outro e sua vida interior) e a clareza sobre a necessidade da intervenção de Deus por ele e por nós também. São nessas horas que, como pastores que somos, a nossa confiança em Deus é colocada à prova, porque sabemos, ao menos intuitivamente, que ***não perder aquele filho vai ser um milagre do Senhor***. Mas, tenho eu um coração de pai ao ponto de desejar esse milagre com o mesmo amor do Coração de Cristo? Lanço-me aos pés da Virgem Maria para suplicar por esse filho como Ela se lança aos pés de seu Filho para suplicar por ele e pela sua conversão? E caso esse filho parta com partiu o filho da parábola do filho pródigo, meu coração está pronto para zelar por ele na distância de sua separação e disposto a não abandoná-lo como filho mesmo que o seu retorno seja marcado pela impossibilidade de retomar a vida de antes? ***Um pai precisa ser duro na hora de corrigir e educar, mas vai ser no Imaculado Coração de Maria o lugar onde ele aprenderá a brandura com sabedoria***, para que a ***sua correção seja amorosa, curativa e enraizada na verdade e possa conduzir seus filhos no caminho da fortaleza interior***. Veja meus irmãos, como temos a necessidade de aprender tanto da companhia dessa Santíssima Mãe e Senhora.

CONCLUSÃO

Para concluir, **desejo insistir no fato que o ministério presbiteral implica uma exigência de santidade e, portanto, implica uma espiritualidade verdadeira e profunda**. Sem negar o grande enriquecimento que é para os padres diocesanos a participação nas diferentes escolas de espiritualidade nascidas da vida consagrada, é possível afirmar muito claramente uma espiritualidade do sacerdote diocesano com todos as suas características e peculiaridades.

Espero que estes dias de partilha e formação conjunta tenha nos ajudado a aumentar o nosso **zelo para o acompanhamento paterno dos sacerdotes e religiosos de nossas dioceses**. São muitos os deveres institucionais e administrativos canônicos que pesam sobre os nossos ombros como Bispos, mas isso não venha a ser motivo ou causa de insensibilidade ou abandono daquela que foi a primeiríssima urgência do Coração de Deus ao pensar os nossos nomes ao episcopado: dar pastores ao seu povo segundo o seu Coração de Pai (cf. Jr 3,15). Que sejamos para os sacerdotes e todos os fiéis batizados o forte testemunho da paternidade de Deus que confirme a esperança de seus corações.

Que o amor que Deus Pai nos deu em seu Filho, através da unção do Espírito Santo, continue a nos formar e transformar, para que, em comunhão com os Bispos, com os irmãos sacerdotes e os leigos, **vivamos fiéis e com alegria a vocação e a missão que nos foram confiadas pela Igreja**. Obrigado pelo o sacerdócio de vocês e pela inteira vida doada pela santificação dos homens e zeloso cuidado pelo bem do clero.

✠ Jorge Carlos Patrón Wong
Arcebispo-bispo Emérito de Papantla
Secretário para os Seminários